

FHC

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Quanto riso, oh! Quanta alegria

Fernando Henrique Cardoso e Itamar Franco são ambos realmente muito inteligentes. Sagazes, só eles estão entendendo a piada já que a nós, medianos aqui da planície, ainda não foi concedida a graça da explicação a respeito do que, de fato, se passa por trás desse pseudojogo de aparências que o ex e o atual presidentes da República proporcionam à nação.

Encontraram-se em Nova Iorque e não conseguiram produzir, com um mínimo de seriedade, nenhuma informação consistente que esclarecesse qual é a relação política que estabelecerão entre si na eleição de 1998: se serão adversários ou companheiros de empreitada, um rumo outra vez ao Planalto e outro em direção às Gerais, seja para o governo ou para o Senado.

Mas, não. Optaram por outra via. Divertiram-se, um a lançar-se ora ao governo de Minas, ora à Presidência da República, e outro a corroborar com ironias o número do parceiro.

De duas uma: ou nenhum dos dois tem mesmo nada a dizer a respeito do assunto ou resolveram deliberadamente omitir o teor real de suas conversas. Nas duas hipóteses, um silêncio discreto seria mais eloquente que mil gargalhadas absolutamente inexplicáveis.

Que Itamar Franco exponha a sua já conhecida ciclotimia em praça pública, nada há de anormal. Fez vida pública sob a marca nítida das idas e vindas. Quando ministro da Fazenda, ainda indeciso se disputaria ou não a Presidência, era o próprio Fernando Henrique quem listava a capacidade de "segurar o Itamar" entre aquelas qualidades que deveria ter seu eventual substituto no ministério.

Mas que o presidente da República entre num jogo em que não fica claro se brinca com a opinião pública ou se administra caritativamente o ofício de "segurar o Itamar", soa estranho. Além de absolutamente cansativo.

Tanto Fernando Henrique quanto Itamar Franco, ou qualquer outro político com pretensões eleitorais, têm todo o direito de não querer abrir, nessa altura do campeonato, as fichas todas. Estamos longe da eleição, há muita água para correr por debaixo dessa ponte e não se pode exigir de ninguém decisões tão antecipadas.

Agora, quem está verdadeiramente indeciso em relação ao seu destino, fica quieto. Faz política, não faz piadas de graça discutível. Ou, no máximo, deixa aos prepostos a tarefa de peões no tabuleiro das aparências. Ao assumirem ambos essa função, ganham experiência performática, mas perdem em grandeza e credibilidade.

Além de causarem a impressão de que há um quê de falsidade nessa estranha relação.